

MINHAS MEMÓRIAS

Friedrich Schiel

Traduzido do alemão por Kristian Schiel



Kronstadt (Brasov - Romênia)

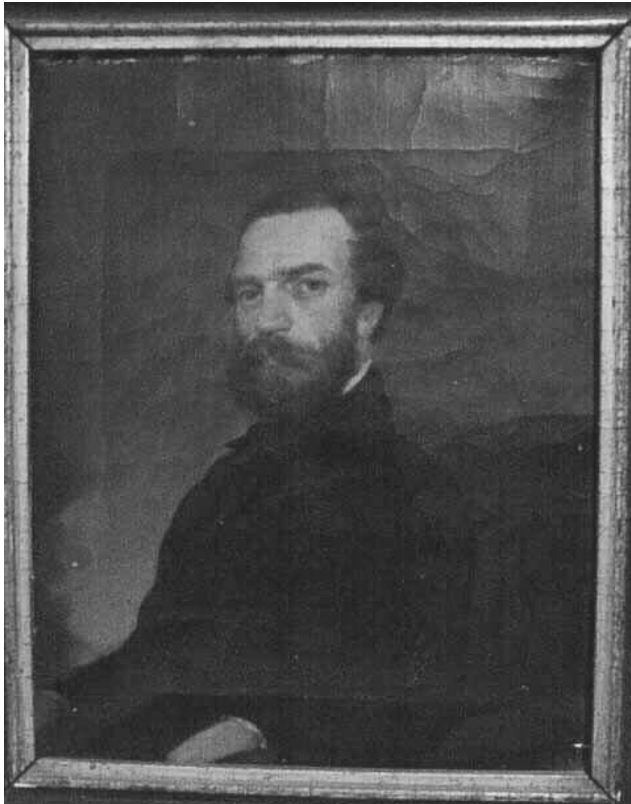
Cidade em Siebenbürgen (Transilvânia), antigamente parte oriental da Hungria. No século 13, quando esta região era muito deserta, exposta a invasões de tribos selvagens, o rei da Hungria resolveu chamar Colonos alemães que se radicaram nesta região. Siebenbürgen hoje é parte da Romênia, e sua população é composta dos três: Romanos, Húngaros e os descendentes daqueles colonos alemães.

Outro dia comecei a contar um caso quando o Kristian (filho) reagiu: "isto é inédito", de onde se vê quantas vezes já contei minhas histórias - escrever minhas memórias seria pois até inútil. Entretanto, durante minha vida tive muita sorte, imerecida e extraordinária, que só é possível avaliar, examinando-se os acontecimentos, no seu encadeamento. Por isso, portanto, estas memórias.

ANTEPASSADOS

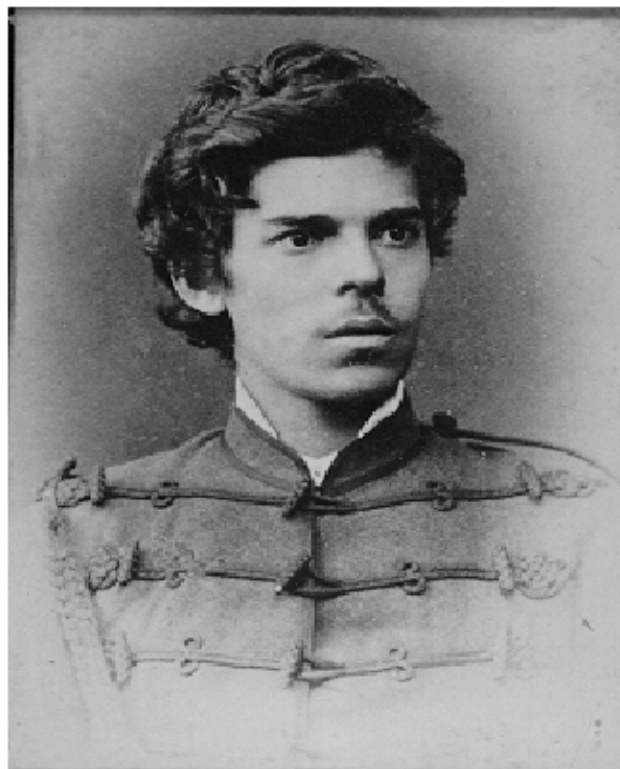
Quando se quer fazer uma biografia corretamente, em primeiro lugar é preciso citar os antepassados. Detlev (filho) possui a brochura "Um cidadão de Kronstadt há 100 anos", onde se encontra, além de uma árvore genealógica, a indicação de meu tataravô, o sapateiro Johannes Schiel. Esta brochura foi elaborada pelo tio Gustav, que a mandou imprimir e a distribuiu durante a grande "Festa dos Schiel" em 1912, 100 anos após o nascimento do meu avô Samuel Traugott Schiel. Nesta festa vi, pela primeira vez na minha vida, um automóvel. Ele pertencia a um parente e nós crianças pudemos nos acomodar e empurrá-lo para frente e para trás no quintal onde a festa estava sendo dada.

Este avô era pastor evangélico na cidade de Kronstadt e morreu - cerca de 30 anos antes de eu ter nascido (≈ 1875) - no púlpito, durante o culto do domingo de Páscoa. Suas últimas palavras foram "lá, acima das estrelas, o amor está consagrado". Além das muitas coisas boas que dizem ter feito, das quais porém não sei nada, ele teve a idéia de mandar sua filha mais velha, chamada mais tarde de "Tanto", para a Áustria e para a Alemanha, para aprender a respeito da educação de crianças pré escolares. Desta maneira introduziu-se em Siebenbürgen o jardim de infância tendo Tanto como sua primeira professora. A única coisa engraçada, que posso contar do avô, é o seguinte: estava ele a caminho de um encontro importante e era cumprimentado de todos os lados, ocasião em que levantava levemente sua cartola. Finalmente encontrou-se com um cidadão de mesmo nível social, o prefeito. Enquanto o cumprimentava pôde, de repente, ver o rosto do prefeito através da cartola; é que, sem querer, havia pego o chapéu velho, sem fundo. Este seu jeito distraído foi herdado por nós descendentes.



Meus avós Samuel Traugott Schiel e Theodor Kühlbrandt

O outro avô - Theodor Kühlbrandt - é originário de Husum (norte da Alemanha) e, em sua peregrinação como aprendiz de relojoeiro, foi parar em Leipzig. Lá se formou como professor de educação física, pois era um fã ardoroso do "pai da ginástica - Jahn". Em Leipzig fez amizade com estudantes de Siebenbürgen, que o convidaram a vir para Kronstadt. Aí introduziu a ginástica e além disso administrou a piscina municipal. Assim o primeiro trabalho manual feminino que a minha mãe aprendeu, ainda em criança, foi costurar calções de banho. Este avô tinha muita confiança na capacidade de resistência do organismo, originada através de uma vida saudável, a ponto de visitar um amigo com varíola - a vacinação ainda não era generalizada. Pegou a doença e morreu relativamente jovem.



Meu pai com cerca de 17 anos.

A consequência da vinda do avô de Husum foi que em sua casa, em Kronstadt, se falava alemão, não saxônio, isto é, o dialeto de Siebenbürgen e, através da minha mãe, este costume ficou preservado em nossa família. Para mim, portanto, o dialeto nunca foi totalmente fluente mas, evidentemente, também o conhecia. Mais tarde, como estudante universitário, percebi que o saxônio era utilizado no exterior por meus colegas para transmitir informações que os outros não deveriam entender. Era muito mais seguro do que o húngaro ou o romeno pois, pelo rosto das pessoas, era impossível saber se entendiam ou não estas línguas. Mas nem tanto, como se pode ver pela estória que segue. Dois estudantes universitários de Kronstadt estavam em Berlim viajando de bonde e, na hora de descer, um forçou a passagem diante de um gordo que estava ao seu lado. O outro estudante querendo evitar a confusão disse em dialeto: "lass irscht dis dack Schweng ousstechen!" (= deixe primeiro este porco gordo sair!) Para pavor dos dois, a resposta veio em seguida: "dis dack Schweng as der Pfarr ous Schirkanjen" (= este porco gordo é o pastor de Schirkanjen - uma vila de Siebenbürgen). O resultado foi muita risada e uma gostosa reunião noturna a três.

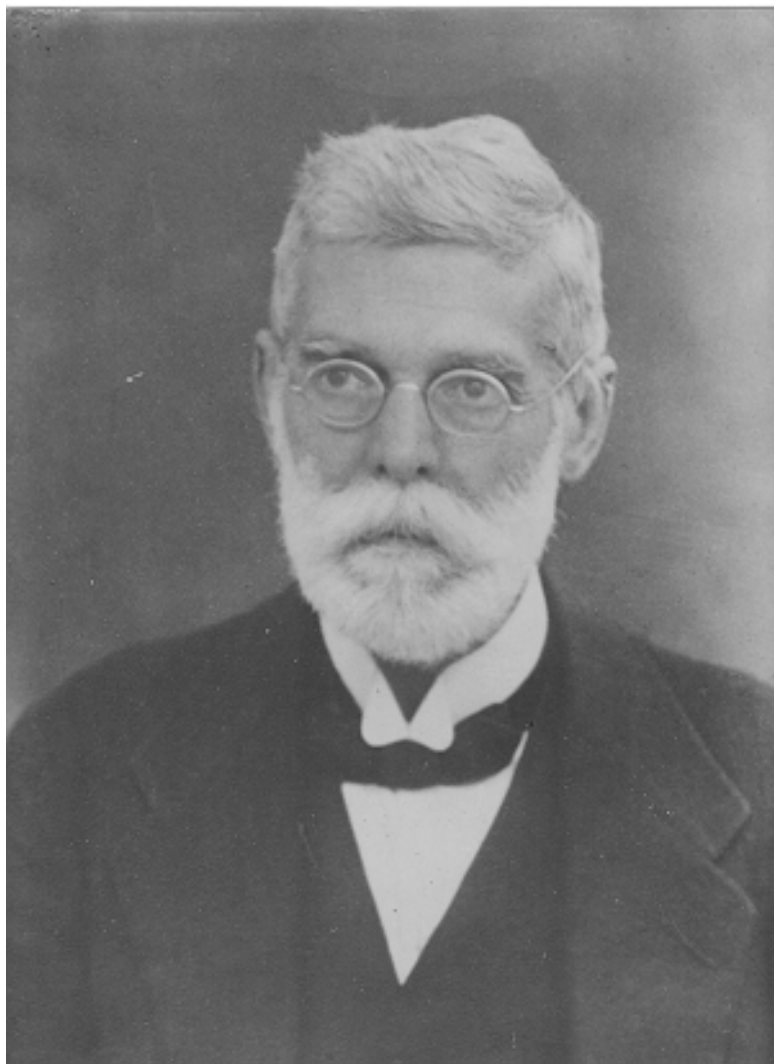
A respeito das avós não sei nada. Do meu pai poderia contar horas a fio, mas ele será mencionado constantemente nestas memórias. Só vou citar aqui um fato referente à sua infância que mostrará o seu temperamento caloroso. Um visitante havia dito para ele "você é tão magro quanto um gato porque você não consegue parar quieto". Então ele se sentou e ficou quietinho. Passados 5 minutos pulou da cadeira: "ban ich na fatt?" (= e agora, estou gordo?)

1905 - 1923

Desde sempre, em família, tínhamos o costume de enfeitar acontecimentos especiais com rimas. Minha irmã Miko (Marie) fez para o meu aniversário em 1960, uma poesia muito extensa na qual conta que vim ao mundo em 17 de maio de 1905 e que eu era cuidado por meus três irmãos mais velhos, e que especialmente a mais nova - Grete - era a minha companheira de brincadeiras, etc.

Uma das minhas primeiras lembranças é estar sendo carregado no jardim por uma empregada. Ouvi então um miado de gatinho que, provavelmente, tinha sido jogado sobre o muro no grande jardim. Eu imitei o que ouvi: "miu" e, com isso, não só defini o nome do gatinho, mas também o de todos os outros gatinhos seguintes, que passaram a se chamar sempre "Miu". Um

dos colega de classe, não muito bem intencionado, ridicularizou minhas amizades pelos gatos ao ponto de, até hoje, eu carregar o apelido de "Miu". Na família, habitualmente me chamavam de Friedel.



Meu pai

"Nossa" casa não nos pertencia, ela era a casa de trabalho de meu pai. Em criança não se tem idéia destas coisas. Mesmo assim fico contente por não ter participado da época em que, após a morte de meu pai, se desfizeram desta casa: naquela ocasião eu já era estudante universitário em Viena. Naturalmente ainda me lembro de cada detalhe da casa, ainda sei o nome de cada macieira e ainda sei quais as árvores fáceis e quais as difíceis de serem escaladas. Ao pé da "Grande Nogueira" havia um local no chão que soava oco quando se batia. "Aí fica o *poço da peste*" dizia-se; mas eu não saberia dizer o que a peste, que a 100 anos atrás ocorria com frequência, tinha com isso. Em todo caso, de tanto bater a tampa se quebrou e podíamos olhar dentro do poço que, entretanto, não tinha água. Thedi (irmão) desceu uma vela que logo se apagou: "Gás de poço! Quando uma pessoa entra aí, cai morta!" O poço tornou-se depois um local muito apreciado para eliminar lixo. Certa vez Thedi deixou o almoço (no caramanchão) correndo, em direção ao poço, com um garfo na mão e o jogou lá embaixo. Era a terceira vez que ele recebia um garfo torto, o que explica seu ataque de raiva. As empregadas falavam dele como sendo o "haragos (leia-se háragosch) urfi" (= o jovem raivoso).

Era muito natural que as empregadas falassem húngaro e é a isso que devo a única bofetada que recebi de minha mãe. Disse ela depois do almoço, "diga à Sári - ou como quer que ela se chamasse - para que tire a mesa" "mas eu não sei húngaro" "diga-lhe: szegye le asz asztalt". Eu então respondi atrevido "eu não consigo falar tche, tche, tche". Pam! Provavelmente foi a melhor resposta à minha impertinência aos 5 anos.

As empregadas húngaras eram muito melhores do que as de origem saxônica, que também tínhamos de vez em quando, provavelmente porque as húngaras vinham das vilas para aprender alguma coisa na cidade, enquanto que as saxãs provinham, geralmente, de famílias sociais decadentes.

Um dia acompanhei os adultos por ocasião de uma visita; o visitado era um senhor muito gordo que eu nunca havia visto antes. Depois me perguntaram: "onde é que vocês foram?" "ao prefeito" o que não era verdade - eu nunca tinha visto o prefeito quando era criança. Como, porém, nos livros infantis os prefeitos sempre apareciam com uma barriga imponente, encaixei o homem visitado na classe dos prefeitos. Isto também mostra que não havia gordos na nossa família.

Na mesma época ocorreu que um visitante me perguntou: "com certeza você vai querer ser pastor, como seu pai". "Não" "Mas por quê não?" "Porque então diariamente terei que dormir depois do almoço!" Eu achava que a siesta era imposição profissional, pois a havia observado no meu pai e no irmão dele que também era pastor. Nenhuma criança gosta de ser enfiada na cama depois do almoço.



Auto retrato de minha mãe, quando tinha cerca de 30 anos de idade.

Durante as grandes festas religiosas, a família inteira ia para a igreja. Meu pai, durante o culto de Páscoa, fez a

citação bíblica: "Morte, onde está o teu aguilhão (espinho, em alemão), inferno, onde está a tua vitória?". Após o culto, já em casa, minha mãe me encontrou sentado em frente à máquina de costura, clamando: "morte onde está teu porco espinho?" ao mesmo tempo que enfiava agulhas na almofada de alfinetes.

Evidentemente o conflito com temas religiosos me era próximo. Ainda tenho uma vaga lembrança de uma experiência mental que, filosoficamente, poderia ser chamada de solipsismo. Durante vários dias cultivei a imagem de que Deus ainda não tinha criado o universo, mas sim que ele estivesse exatamente naquele momento ensaiando-o pela primeira vez. E eu era o único ser, que teria sido criado para cobaia e meus pais, irmãos e etc. seriam anjos colocados por Deus a iludirem um mundo real, só para mim.

Também fui levado para o Jardim da Infância, que ficava a apenas 5 minutos de distância mas, transcorrida uma hora, eu já estava de volta em casa. "O que é que aconteceu, porque você já está aqui?" me perguntaram, respondi: "Estava tão chato que resolvi voltar para casa". Acredito que em casa nunca tenha me chateado - quintal, gatos, galinhas, coelhos etc. - e assim minha decisão foi tolerada e nunca mais tive que voltar ao Jardim da Infância.

Ainda quero me deter nas galinhas. O campo delas era o pátio gramado, mas preferiam sem dúvida a horta, o que lhes era totalmente proibido. Sabe-se que as galinhas sempre emitem um barulho cacarejante mas, ao conseguirem passar por uma disfarçada passagem para a horta, ficavam surpreendentemente mudas, pois sabiam muito bem que cacarejar significava expulsão certa. Eu tinha muita familiaridade com um galo. Ele pulava no meu colo, comia da mão e, se eu me agachasse na frente dele, se armava todo "em posição de luta": nós nos defrontávamos brincando de galo de briga, ele com o bico, eu com as pontas dos dedos.

Ao lado do pátio encontravam-se as construções do estábulo e da cocheira. Provavelmente o pastor deveria poder sustentar carros e cavalos, mas isto não havia. No entanto, o que tínhamos era uma oficina bem equipada de marcenaria. O pai amava os trabalhos manuais e, de vez em quando, eu ficava de espectador e podia eventualmente até ajudar a segurar. Todas as perguntas me eram respondidas minuciosamente pelo pai. Sobre o seu talento como professor preciso contar uma estória, que ocorreu cerca de 5 anos antes do meu nascimento. Quando a filha mais velha de meu pai - a irmã Lene - chegou à idade es-

colar, ele era pastor na aldeia de Wolkendorf (cerca de 10 km de Kronstadt). Em vez de colocar a criança na escola da aldeia, ele mesmo preferiu educá-la. Pois ensinava com imenso prazer. Antes de se tornar pastor, lecionara Geografia e História no ginásio por alguns anos. Fazia parte da formação de teólogo em Siebenbürgen também estudar matérias científicas na universidade, com o intuito de trabalhar como professor durante o período da espera da liberação de uma vaga na igreja. Um livro didático de Geografia e um de História foram escritos por ele que, inclusive, cheguei a utilizar como aluno.

Quando chegou a época de Lene freqüentar a escola mais adiantada, o pai deixou seu emprego como pastor da aldeia e aceitou um emprego menor, passando a ser um dos três pastor auxiliar em Kronstadt, para que as crianças pudessem freqüentar as aulas sem problemas. Disse para Lene: "Como você não esteve em nenhuma escola, é preciso fazer um exame de admissão para a Escola Feminina. Vá lá amanhã, já falei com o professor". "Mas como farei esta prova? Não sei nada!". "Não se preocupe!" Mais tarde Lene voltou radiante e disse: "Eu sabia tudo, pai, como é possível?" "Ora, eu te ensinei e por isso você sabia", e Lene então respondeu admirada "Sempre achei que o que fazíamos era brincadeira!". Portanto o pai havia ensinado à criança a matéria de 4 anos enquanto ela achava: "O pai brinca comigo".

Não me lembro do início do meu período escolar. Logo que aprendi a escrever um pouco, presentearam-me com um caderno de anotações. Perguntei qual a sua utilidade e a resposta foi "ai você deve registrar coisas que você não quer esquecer; você não é tão distraído?" Esta última tive que reconhecer e escrevi algo no caderno. "O que você escreveu?" - "Eu registrei, que não quero esquecer que, quando for adulto, quero bater na (minha irmã) Grete". (Era óbvio que como homem adulto, resolveria facilmente as tiranias da Grete mas, até lá, já teria esquecido que queria prestar contas disso. Quando fiquei adulto, na verdade não havia mais nenhum motivo para bater na Grete).

Um pouco mais tarde fizemos na escola a leitura de uma estória, onde se contava que Deus permitiu a um agricultor, depois de muita insistência deste, decidir sobre as condições do tempo. O agricultor providenciara chuva e sol nas épocas corretas e os cereais ficaram mais viçosos do que nunca. Só que durante a colheita constatou-se que o agricultor havia esquecido o vento, resultando em que os grãos não germinaram. Ao invés de tirar a conclusão implícita, embutida na estória,

“assim se vê que só Deus onisciente deve reger o mundo”, re-voltei-me: um verdadeiro profissional, com experiência desde a eternidade, tripudia de um amador simplesmente devido a um pequeno erro, e não lhe permite nem uma segunda chance?



Da esquerda à direita, acima: Grete + marido (Heinz), Thedi, Miko + marido (Walter); embaixo: mãe, pai, Lene, eu e os filhos de Grete, Heinz, Dani

De qualquer maneira eu sempre tive prazer em revidar opiniões de senso comum. O exemplo a seguir, de uma época mais avançada do período escolar, também mostra que eu não fugia de um certo esforço para alcançar uma “emoção de protesto”. Estávamos aprendendo nas aulas de alemão o hino de Hildebrand e, como dever, o professor pediu para decorar um trecho, mas em versão adaptada ao alemão moderno. Com muito esforço aprendi o texto no alemão arcaico original, só para depois poder dizer ao professor, durante a aula, que um resumo do hino já seria suficiente e que eu me negava a decorar uma tradução, pois achava isto completamente desnecessário. No meio da discussão daí resultante, entrei com tudo, declamando o texto na sua difícil versão antiga.

De volta à minha infância. Nossa família aumentou com dois primos: Heinz (cerca de 10 anos mais velho do que eu) e Ricki (uns 2 anos mais velho). O pai deles, o Samonkel (tio Samuel), era um dos melhores amigos de meu pai. Ele era fabricante de papel e sua fábrica era em Busteni (diga Buchten), uns 30 km ao sul de Kronstadt, na então Romênia. Originalmente Busteni era composto de apenas alguns casebres mas, com a implantação da fábrica, isto havia mudado. Só que, ainda não era suficiente, para justificar a existência de uma escola de nível médio. Por este motivo o Samonkel mandara seus filhos à nossa casa, para que freqüentassem o ginásio em Kronstadt. Para mim, o Heinz era pouco importante mas o Ricki era como um irmão. Como filho de pai rico ele recebia uma gorda mesada - 30 Kreuzer por semana - e eu 5 Kreuzer. Nós estávamos na fase do fanatismo por selos e, mal recebíamos nossas mesadas da mãe, corríamos ao comerciante de selos. Ricki comprava selos por 30 Kreuzer de selos e eu 5.

Os valores do dinheiro eram: 1 Gulden = 100 Kreuzer. Estava justamente sendo alterado para 1 Krone = 100 Heller onde 2 Kronen = 1 Gulden. Acabaram por me dar um par de patins, só que quem deveria ir comprá-los seria eu. A mãe não tinha troco e me deu uma nota de 100 Kronen - "Mas tome muito cuidado!" Eu saí em disparada. De repente, alguém gritou atrás de mim: "Oi pequeno, você deixou cair algo, esta carteira de dinheiro, ah mas com certeza não haverão aí 100 Gulden..." - "Não, mas 100 Kronen, sim!". Claro está que esta estória não contei em casa e, com diligência, calculei o troco a ser devolvido.

A respeito das lembranças, incrivelmente exatas, de alguns acontecimentos únicos li, ainda ontem, uma palavra de Max Frisch. Ele fala do "enrijecimento anedótico em que quase todas as nossas lembranças se transformam...", isto é, não nos recordamos dos acontecimentos em si, mas daquilo em que os transformamos ao contá-los.

Estranhamente não me lembro dos colegas de escola com exceção de um, aquele de uma família húngara, que falava mal alemão e tinha um terrível sotaque húngaro. Eu achava aquilo admirável e treinava com insistência para imitar seu modo de falar.

Assim como todos os irmãos, também eu tive aulas de piano. E meu pai, um excelente pianista amador, costumava intervir. Quando eu estudava, às vezes ouvia-o gritando lá do outro quarto: "fá sustenido, fá sustenido, não fá!" e, achava admirável com ele podia saber que nota era aquela que tocava. Tam-

bém minha participação no coro da igreja era previsível. Mas como não possuísse uma voz bonita mas cantava com muita afinação o mestre, regente do coro, colocou-me atrás de um que deveria cantar um trecho solo. Minha função era cantar baixo perto do ouvido dele, pois sua voz era expressiva embora terrivelmente desafinada.

O pai também tinha um dom que, infelizmente, eu nunca aprendi, qual seja o de poder fantasiar livremente ao piano. Com a idade, seus dedos foram ficando duros mas, até hoje, ecoam em meus ouvidos certos adágios de Beethoven tocados por ele.

A principal atividade musical do pai era a direção do "Liederkranz" uma das duas associações de corais em Kronstadt. Ele foi por dezenas de anos regente e diretor. Gostava muito de compor canções para o Liederkranz - geralmente peças para coro misto. Nosso afinador de pianos era um tcheco, aliás, os tchecos dominavam a área musical na Áustria-Hungria. Quando o pai reclamava que o piano não estava segurando a afinação, dizia-se "é por causa do quadro de madeira do piano, estufa como se fosse uma massa de Strudel". O pai comprou, então, um piano de cauda com quadro metálico.

Quando eu tinha 9 anos estourou a (primeira) guerra. No nosso mundo infantil pouca coisa mudou mas as conversas dos adultos, das quais já não entendíamos quase nada, passaram a ser outras. Naquela época já existia a propaganda enganosa. Um dia anunciou-se: "hoje vocês terão folga na escola por causa da festa pela conquista de Przemsyl". Quatro semanas depois novamente: "folga por causa de Przemsyl". Esta cidade da Galícia estava sendo disputada entre a Áustria e a Rússia que alternavam sua posse, sendo que só ficávamos sabendo dos anúncios das vitórias, e nunca das necessárias derrotas intermediárias.

Na escola havia, diariamente, uma aula de húngaro - língua obrigatória do país - na qual eu não me dava bem. Pedi para meu pai corrigir uma redação em húngaro. Ao receber, mesmo assim, uma nota insuficiente, cheguei à conclusão de que o pai sabia tudo, menos húngaro. Uma ajuda segura para mim passou a ser Lene, que estudava muito húngaro, por estar em vias de fazer um exame para professora.

Para entender por que, para nós, a língua húngara era tão importante, apesar de termos um chefe de estado de língua alemã - o imperador austríaco, deve-se saber que ele era, ao

mesmo tempo, o rei da Hungria. Ao ser fundada a k.u.k (kaiserliche und königliche Monarchie – monarquia real e imperial)¹, no século passado, os húngaros foram o único povo que obteve para si, e para o seu país, uma certa autonomia. Desde então, passaram a ter aversão aos privilégios que seus próprios reis haviam dado no século 13 aos saxônios de Siebenbürgen. Tanto que, sem demora, estes privilégios foram aos poucos sendo eliminados. A autonomia húngara também era visível no exército onde havia uma única tropa com língua de comando em húngaro, a chamada Honved. Os demais cidadãos de “Kakania” - este nome foi inventado por Robert Musil, quando não mais existia a monarquia “k.u.k.” - portanto os tchecos, eslovacos, eslovenos, romenos, rutenos etc., tiveram que, forçosamente, aprender a língua de comando alemã ao se alistarem no exército austríaco. É um milagre que a Kakania tenha conseguido manter-se por tanto tempo!

Entre nós em Siebenbürgen, o recrudescimento do nacionalismo húngaro tornou-se um motivo para aborrecimento, e o “Kronstädter Zeitung” (Jornal de Kronstadt), no qual há tempos o pai escrevera muito, lutava contra isso. O pai também me explicou o que é um “redator sentado”: Quando o jornal se manifestava abertamente demais contra o governo em Budapeste, o autor do texto era advertido e preso. Aí os colegas da redação combinavam entre si que seria entregue às autoridades o mais “burro” dentre eles, cuja ausência, no caso de uma prisão, não prejudicasse os trabalhos. O próximo passo deste raciocínio foi contratar um cidadão com a função exclusiva de, se necessário, “sentar-se na prisão” - o “redator sentado” (Sitzredakteur). Toda vida achei que esta expressão tinha sido invenção dos habitantes de Kronstadt, qual não foi minha decepção quando a revejo num conhecido livro de resenha de expressões curiosas (“Geflügelte Worte” de Büchmann).

No nosso mundo infantil também havia rivalidades étnicas. Tenho uma tênue lembrança de uma cena na qual estou na situação do menor menino de um grupo de crianças saxônicas a enfrentar um grupo de meninos húngaros. Antes do início da luta, os dois líderes xingavam-se um ao outro e isto - naturalmente em húngaro - era recheado de frases odiosas entreouvidas nas conversas dos adultos.

¹ k.u.k. kaiserliche und königliche Monarchie. Kaiser (imperador) e König (rei). O imperador da Áustria era ao mesmo tempo o rei da Hungria.



Numa ocasião em que meu pai dormia, doente, minha mão fez este desenho

A língua húngara era especialmente difícil para o Ricki, pois ele havia passado os primeiros 4 anos escolares em Buchten na Romênia, sem contato com o húngaro. Por este motivo o pai dele exilou-o nas férias de verão de 1916 numa aldeia puramente húngara, onde nem uma só alma sabia alemão. Como o Ricki era um leitor contumaz, evidentemente proibiram-no de levar qualquer livro. Entretanto, conseguiu contrabandear um único: um livro de xadrez, que foi estudado com afinco durante a solidão. Esta estória dá a impressão de que eu a copiei da "Novela do Xadrez" de Stefan Zweig. Como porém minha estória é mais antiga, só resta a conclusão inversa de que Stefan Zweig a roubou de mim.

Repentinamente a guerra estourou entre nós: é que o rei romeno Carol, um príncipe da dinastia dos Hohenzollern, de origem alemã, falecera. Isto deu aos políticos romenos, que sempre foram simpatizantes de Paris, a possibilidade de envolver o seu país, até então neutro, numa guerra inesperada contra Alemanha e Áustria-Hungria. Como ninguém na Hungria supunha jamais que isto pudesse acontecer um dia, a fronteira com a Romênia encontrava-se completamente desprotegida, e o exército romeno ocupou Siebenbürgen, como num "passeio". Quem podia resolveu fugir. Entre outros, meus irmãos, mas o pai resolveu não ir para não abandonar os membros da comunidade (da igreja) que tiveram que ficar. Então minha família ficou repentinamente reduzida a pai, mãe e eu.

Também a família húngara, onde Ricki estava hospedado, fugiu e este foi levado para os parentes dela do interior da Hungria. É claro que na escola deles não entendia quase nada, a ponto de ser chamado de "bolond Szász", isto é, o saxônio burro. Certo dia viu seus colegas jogando xadrez e quis participar. Com muita dificuldade acabaram por permitir ao bolond Szász que jogasse. Venceu com facilidade devido aos estudos naquele livreto de xadrez. Diante disto conclamaram os melhores jogadores da aldeia, e ele ganhou todas. A partir deste episódio deixou de ser o saxônio burro. Por falar nisso, todos nós irmãos sabíamos jogar o xadrez. Ainda me lembro do choque do Thedi quando o venci pela primeira e, provavelmente, única vez, não sei mais exatamente onde e quando.

Neste meio tempo fomos todos envolvidos pela guerra que rolou sobre Kronstadt. A coisa ia de maneira mais ou menos pacífica, mas ouvíamos alguns tiros próximos provenientes da estação ferroviária. Descobrimos mais tarde que os últimos

soldados húngaros haviam se retirado com uma locomotiva e os tiros tinham sido dados em seu encalço. Com o desaparecimento do poder dominante e antes que se instalasse outro ocorreu, evidentemente, um certo caos. Muitas casas abandonadas pelos refugiados foram saqueadas uma após outra. Nas proximidades de nossa casa havia uma relojoaria e, acompanhei o pai até lá para recolher os relógios, antes que caíssem nas mãos dos saqueadores. Mais tarde descobrimos que as poucas mortes ocorridas com a ocupação de Kronstadt se relacionaram com os saques. Então houve aquele susto, quando vimos que poderíamos perfeitamente ter sido fuzilados ao sermos confundidos com os saqueadores. O relojoeiro, quando voltou, já tendo considerado seus bens perdidos, ficou muito feliz ao encontrar seus relógios conosco.

Havia então em nosso salão 5 grandes relógios. Eu lhes dava corda e procurava regulá-los de tal forma que badalassem todos ao mesmo tempo. Nesta ocasião o pai me contou a estória do Imperador Carlos V que, após sua renúncia, viveu num mosteiro de Espanha, tentando a mesma coisa com os relógios de lá e teria dito a seguinte frase: "se não consigo nem mesmo fazer badalar os relógios ao mesmo tempo, não deveria me surpreender por não ter conseguido levar os seres humanos ao mesmo credo religioso".

Demorou um certo tempo - 6 semanas - até que a Áustria-Hungria conseguisse, também com a ajuda das tropas alemãs, organizar a resistência e reconquistar Siebenbürgen. Ao ouvirmos primeiro os rumores e depois os canhões, tivemos que nos abrigar no porão. Utilizando o rugido dos canhões o pai aproveitou para dar uma explicação física. É que era possível, a partir do intervalo de tempo entre disparo e impacto, fazer a leitura se os tiros eram dados em nossa direção ou na direção contrária. Se os dois estrondos ocorriam em curto intervalo a bala voava paralela ao deslocamento das ondas sonoras através do ar, em nossa direção. O contrário (longo intervalo) era cada vez mais raro, pudemos saber então que os romenos, que atiravam a partir de nós, davam cada vez menos tiros.

Bem no meio do tiroteio surgiu, de repente, um soldado romeno. A primeira coisa que fez foi acionar o fuzil - isto é, acionar o mecanismo de disparo, para demonstrar que estava pronto para atirar. Exigiu um relógio, então. O pai possuía um valioso relógio de ouro, presente de seus amigos do "Liederkrantz" (o grupo coral), que usava sempre. Com um certo pressentimento o relógio de ouro fora escondido no porão, entre as batatas e, por sorte, naquele momento usava outro, pior, com o

qual o soldado se foi. Ficamos aliviados, pois estes soldados perdidos e afastados de seus comandos, são considerados os mais perigosos.

A impressão sonora mais marcante me veio de uma metralhadora disparando que, pela intensidade, certamente estava sendo acionada bem próximo de onde nos encontrávamos. Depois, o silêncio, mas só tivemos a coragem de sair do porão quando uma vizinha veio correndo e gritando “estamos libertados!”

No dia seguinte o pai me pegou pela mão e, andando, foi vistoriar o campo de batalha. Nisso, vimos um soldado morto, caído para frente e sua mochila estava aberta: derramavam-se sobre sua cabeça muitas meias de seda de mulheres. Certamente ele saqueara lojas comerciais antes de ser alvejado.

O irmão do pai - o Gustonkel (tio Gustav)- que também era pastor como ele, contou-nos o seguinte: não havia se refugiado no porão como nós, mas sim subira na torre de sua igreja, para observar a batalha. Se ele possuísse o mais elementar senso de conhecimento militar, jamais teria feito uma coisa dessas, pois essas pessoas assim expostas são as primeiras a serem alvejadas: pressupõe-se serem observadores de artilharia que, por telefone, indicam o ponto acertado pelo tiro de acordo com a localização dos impactos. Quando as lutas acabaram apareceu um soldado húngaro, vindo na direção da igreja. O tio dirigiu-se ao seu encontro, quando recebeu um recado: “Fiquei com seu filho em uma trincheira e, de lá, ele me mostrou a sua igreja dizendo: - ali meu pai é o pastor! Quando levantamos da trincheira para o avanço ele recebeu um tiro na têmpora, está morto”. Este era o Fritzel Schiel, poucos anos mais velho do que eu. Mais tarde se constatou que o tiro realmente atingira a têmpora, mas Fritzel ainda viveu, normalmente, por alguns anos, morrendo mais tarde com perturbações mentais. Uma velha tia computou 18 jovens da nossa família, incluindo todos os parentes até os mais distantes, que haviam morrido nesta guerra.

O campo de batalha abandonado pelos soldados era, para nós moleques, uma fantástica fonte de descobertas. Por sorte os meninos mais velhos me instruíram a respeito do sério perigo das granadas de mão e de artefatos não detonados, de forma que só me aproximava da munição dos fuzis, barracas e demais apetrechos. Era fácil conseguir pólvora de balas de fuzis que abundavam, muitas ainda encaixotadas. Usando-se um alicate a bala era destacada da cápsula. Com esta pólvora brincávamos de Vesúvio (naquela época eu acreditava que as palavras Vesú-

vio e vulcão eram sinônimas). Para esta finalidade enterrávamos, sob um monte de areia feito no parquinho infantil, uma quantidade de pólvora que se ligava ao topo por uma "chaminé". Ao acender a pólvora, acontecia um belo espetáculo. Certa vez esta coisa quase que sai errada. Havíamos construído uma belíssima máquina dos infernos sobre o banco do jardim, mas não havíamos considerado que as senhoras idosas, do asilo vizinho, aos domingos tinham permissão de fazer um atalho para a igreja através do jardim. Exatamente na hora do culto a máquina dos infernos estava armada e estávamos a uma distância segura, em expectativa. Neste momento abre-se o portão do jardim e a primeira velhinha aparece. Felizmente o fogo da máquina infernal falhou! Estranho que eu não consiga mais lembrar com quem fazia estas estrepolias, pois Ricki ainda não tinha retornado do seu exílio húngaro.

Kronstadt ainda era considerada área de guerra com administração militar, havendo uma série de limitações para os civis. Tivemos que alojar um capitão alemão, cujo nome - Nicolai - ficou gravado na minha memória, não sei como. Ele nos contou que, durante um pernoite, na ofensiva para Siebenbürgen, passou a admirar a grande hospitalidade do povo húngaro. O correio militar de Kronstadt ficava sob a responsabilidade do capitão Nicolai e, com sua ajuda, ficamos sabendo que os parentes da fábrica de papel, em Buchten, tinham saído ilesos dos acontecimentos de guerra. Precisavam, porém, de um pastor para um batismo, pois havia nascido uma criança. Os militares haviam proibido as viagens de civis, mas não incluíram aí as excursões de montanhismo. Combinamos então, que os parentes em Buchten e nós de Kronstadt fariamos, no mesmo dia, uma excursão e nos encontraríamos em determinado ponto da fronteira entre Hungria e Romênia. Os de Buchten trouxeram o nenê - Liesel Schiel, e o pai a batizou ao ar livre num maravilhoso dia de outono. Todos se encantaram tanto com este encontro, que se combinou um outro para daí a 14 dias. Quando nos despedimos fui, como se fosse uma muamba, contrabandeado para o lado dos parentes de Buchten e duas semanas depois, devolvido pelo mesmo caminho.

Já diversas vezes tinha estado de férias em Buchten e, rapidamente, fui incorporado ao "bando negro" pelos primos de lá e instruído por eles. Se alguém te aborda na rua responda, "nu stiu romanaste" o que significa, não falo romeno. De fato, lá não o aprendi, somente 15 anos mais tarde, no serviço militar.

Parece que toda vida fui muito distraído, o que quase me custou a vida. No caminho das fábricas ao curral havia um atalho maravilhoso, se andássemos uns 10m ao longo dos trilhos da ferrovia sobre uma ponte. Apesar da proibição, enveredei por este caminho, sendo que no exato momento de descer dos trilhos no fim da ponte, passou zunindo ao meu lado o trem. Testemunhas disseram que o maquinista apitara feito louco, eu é que não percebera absolutamente nada.

Na fábrica de Buchten havia inúmeras pessoas com o nome de Schiel. Os operários chamavam todos pelo primeiro nome² por exemplo domnul Fritz, domnul Caroli etc. (domnul significa Senhor). Depois do almoço no Samonkel (tio Samuel) tomava-se café preto - um costume que eu não conhecia naquela época - enquanto os adultos discutiam seus problemas, que para nós crianças eram completamente indiferentes. O único entre nós que punha as orelhas em pé era Ricki e às vezes se metia na conversa dos adultos com as palavras "ah não, isto foi bem diferente...".

Na minha sala de aula havia, além de mim, mais dois que se chamavam Schiel, um de uma aldeia, que não era parente, e o Carl de Buchten, que chamávamos de Carolus Magnus, pois era o mais alto da classe. Eu e mais um éramos os menores. Um dia, ao tocar o sinal no recreio, este Carolus me agarrou de brincadeira, para me carregar à sala de aula, bunda para frente, cabeça para trás e não percebeu que minha cabeça batia no chão a cada passo. Gritei tanto que ele me soltou mas um galo enorme apareceu na minha cabeça. Nas aulas seguintes eu só pensava no galo e não prestava atenção. A aula era de matemática o que eu sabia bem. O professor mostrava uma operação qualquer de cálculo, deixava que os alunos a resolvessem e dizia então "ah, agora já está melhor!", isto é, a operação de cálculo. Eu porém achei que ele estava se referindo a mim, levantei-me e disse, "obrigado, não está mais doendo tanto". O professor poderia ter me chamado à responsabilidade por falta de atenção mas não o fez pois eu era um de seus dois apoios, o outro era um certo Lukács. Éramos sempre os melhores em relação à matemática. Do Lukács só sei que ele foi para Budapest depois da formatura.

² Nos países de língua alemã as pessoas são sempre chamadas pelo sobrenome, a não ser que sejam amigos de longa data.

Minha arrogância matemática se manteve até ser reprovado em matemática na Faculdade de Viena. O que sucedeu a essa reprovação contarei mais adiante. Era muito diferenciada minha capacidade de aprender. Em línguas eu era ruim e também não me esforçava. Nem imaginava, quanto ocupariam minha vida as línguas estrangeiras (francês, português) mais tarde. Grego, por exemplo, era optativo e eu o evitei, sem imaginar que, 65 anos após, com muito esforço, estudaria um pouco de grego moderno, para nossas viagens de férias à Grécia.

A aversão por línguas também me afastou do francês, igualmente optativo. Só em Paris percebi, que uma das palavras que usávamos com frequência era de origem francesa. Uma pessoa desocupada, geralmente romena, que poderia ser "alugada" por alguns trocados para providenciar qualquer coisa, era um Pur-ligar - certamente de "pour la gare" (para providenciar o carregamento da bagagem na estação de trem).

Na aula de latim aconteceu o seguinte: o inspetor escolar entrou na classe e disse ao professor "continue, faça como se eu não estivesse aqui". Estávamos lendo Tacitus e eu fui chamado (meu pensamento com relação ao professor: sua besta! Agora ambos vamos passar vergonha!). Li a seguinte frase de Tacitus "Germanicum in aviam se recepit" isto é, "o marechal de campo Germanicus se recolheu na região sem caminhos". Eu deveria traduzir, mas só consegui dizer "*Germanicus se recolheu*" "bom, e *in aviam*?" e eu então, "*avus* significa avô, portanto "*avia*" deve ser a forma feminina". A fim de se entender a explosão de risadas, é preciso saber, que o xingamento mais comum na Romênia diz: "volte para dentro de tua mãe, por onde você saiu!" com o superlativo: "volte para dentro de tua avó", e eu, portanto, consegui tirar da tradução do Tacitus, que Germanicus havia se retirado para dentro de sua avó.

Também fazia parte da vida escolar, irritar os professores. O alvo preferido era o professor de latim, coincidentemente um dos amigos de juventude de meu pai. O pai dizia-me "ora, deixe-o em paz! Ele não tem culpa de ser assim indefeso, já é assim desde criança", e o pai me contou como era. Porém, em vez de eu me conscientizar, em minha maldade infantil passei as informações para meus camaradas o que forneceu nova munição para provocações.

Não posso, porém, me queixar do fato de ter realmente aprendido o latim. Isto já foi de grande valia muitas vezes, mas o enorme esforço para aprendê-lo é desproporcional aos pequenos resultados. E, ainda por cima, o fato de sabermos latim

nem ao menos foi bem aproveitado. Por exemplo, em História estudamos que Ulrich von Hutten - um amigo de Lutero - teria dito, "é um prazer viver". Este palavreado insosso não tem correlação com seu sonoro grito de júbilo: "juvat vivere!" O fato de não existir um verbo alemão que corresponda a "juvat" seria um motivo para se aprender o provérbio em latim (a forma original latina só há pouco tempo eu a descobri).

O mais importante, além da escola, eram as excursões e caminhadas. O pai me ensinara a subir nas montanhas corretamente. Lene difundia entre nós os novos ideais das caminhadas na natureza, já populares na Alemanha daquela época, e meu padrinho - o dentista Dr. Karl Gust - nos introduzira nas técnicas de escalada em rochedos, que ele aprendera quando era estudante em Graz. Também foi dele que ouvi pela primeira vez a respeito da Teoria da Relatividade de Einstein, que na época era nova e alvo de muita discussão. Com meus amigos: Zet (Helmut Zeidner), Lasch (Helmut Lassel), Suma (Walter Seimen) e Moses (Rudolf Schiel) eram realizadas as excursões montanhistas mais incríveis, e nessa época também comecei a andar de esqui. Ao ganhar meus primeiros esquis com 15 anos, meu colega de escola Lexen disse "você não vai aprender isto nunca! Já está velho demais para conseguir aprender". É verdade que o Lexen chegou a ser campeão nacional de esqui enquanto o meu único troféu esportivo foi ter conseguido o segundo lugar em corrida de longa distância na classe sênior - muitos anos mais tarde, já sendo prof. assistente, no campeonato da Faculdade de Dresden. Entretanto no resultado acima, silencieei sobre o número de participantes da classe sênior, que na verdade foram, ao todo, dois. Para amenizar este choque menciono que, entre jovens e mais velhos, havia cerca de 60 corredores e que, neste grupo maior, pelo menos, ainda consegui pegar o décimo lugar.

Espere, ainda tenho 2 certificados esportivos, uma distinção alemã e o diploma de salva vidas. O mais difícil desta última prova foi "salvar por 20m" na piscina estando ambos, isto é, vítima e salvador, de roupa inclusive de sapatos. Se o amigo Moses não tivesse ficado tão bem comportado no papel de vítima, ficando quieto, mesmo ao engolir água, eu nunca teria conseguido.

Quero descrever ainda uma excursão muito especial às montanhas. Pretendíamos chegar aos Morarzacken (Picos do "Morar"), facilmente alcançáveis a partir do planalto da cadeia de Butchetch, mas nossa intenção era tomá-los diretamente, atravessando o desfiladeiro do Morar (Morarschlucht). Para isto

existe um termo italiano do jargão dos montanhistas, a chamada "diretíssima" que ainda não conhecíamos naquela oca-sião. A escalada resultou surpreendentemente fácil. Prescindimos do auxílio da corda, mas a subida acabou tornando-se demorada a ponto de sermos surpreendidos pela escuridão enquanto ainda escalávamos. Nós, isto é, Zet, Lasch, Moses e eu conseguimos abrigar-nos em uma fenda de rocha para aguardar o amanhecer, pois apesar da altura - mais de 2.000 m sobre o nível do mar - não fazia um frio excessivo. De repente declarei "preciso ir à privada!". "Tá louco? Ninguém pode sequer se mexer, o fedor seria insuportável". No fim das contas fui amarrado de forma a me descender soltando devagar uma corda de cada lado. Enquanto estava pendurado sobre o precipício, dizia o Lasch: "olha, se alguém passar aí por baixo, vai pensar que nasceu a lua cheia". Revoltado respondi: "não riam, vocês acabam me soltando!" Quando nasceu o dia, qual não foi nossa surpresa ao constatarmos que faltavam apenas 20 m de escalada para alcançar o cume. Ainda bem, poderíamos ter arriscado demais na escuridão.

Estas estórias esportivas, em parte, aconteceram em época posterior, volto então ao tempo escolar. Fui o tipo da criança de desenvolvimento mais lento. Enquanto quase todos os colegas de classe já tinham voz grossa, eu era ridicularizado "o Miu é tão distraído que esqueceu a mutação!". Só quando soube que Johannes Brahms foi ter sua mudança de voz apenas aos 20 anos, meu sentimento de inferioridade daí resultantes pôde ser postos de lado. Na aula de dança não tinha coragem de me aproximar das meninas bonitas notava porém que, na escolha das parceiras, sempre sobrava a mesma; esta eu tirei então.

As classes mais adiantadas do ginásio eram freqüentadas também por meninas, pois em Kronstadt não havia ginásio feminino. Na nossa classe havia 3, das quais só me interessava a Mede que eu flertava moderadamente, junto com meu amigo Zet. Não poderia imaginar que a seguinte, a Ada, se tornaria um dia a mãe do meu filho Peter. A Mede, com a qual eu e o Zet fizemos muitas excursões às montanhas, tolerava nossa afeição embora nos considerasse completamente infantis.

Os acontecimentos mundiais passaram a intervir em nossa vida cotidiana. A monarquia k. e k. ruuiu e fomos invadidos por uma torrente de soldados a retornarem aos lares. Ainda vejo minha mãe preparando comida em muitas panelas, pois havia o anúncio da passagem de muitos soldados naquele dia, o que depois não se confirmou. Porém tudo ocorreu sem transtornos. Inclusive a anexação à Romênia de Siebenbürgen onde, se sabe, a maioria populacional era romena, ocorreu, após um acordo paz,

sem derramamento de sangue. Na escola as aulas em húngaro terminaram e, no entanto, passamos a aprender o romeno, a nova língua do estado.

Algo para nós ainda desconhecido era, por exemplo, a corrupção - entre os húngaros havia só protecionismo, não corrupção. Com a anexação à Romênia, aproximamo-nos mais dos Balcãs. Com razão, os próprios romenos atribuem sua corrupção à herança turca já que durante centenas de anos estiveram sob domínio turco.

As placas trilíngues, nas ruas de Kronstadt, que exibiam primeiro as língua húngara depois alemão por último o romeno, foram todas alteradas sendo que a primeira e a terceira foram trocadas e o alemão continuou no meio. No século anterior as placas deveriam ter sido todas alemãs, ainda cheguei a ver uma delas, esquecida em algum lugar, "Marktplatz 1" (praça do mercado 1).

Nosso currículo escolar, organizado segundo o modelo austríaco, foi adaptado a um currículo influenciado pelo sistema francês, o da Romênia. Meu ano foi o último em que ainda se fazia o "Abitur" (- exame final). A partir daí o nome passou a ser o "bacalaureat" (bacharelado) e passou, como me disseram depois, a dar muito mais importância às matérias decoradas.

O fim da guerra gerou um certo caos na vida pública, o que motivou o pai a conseguir uma proeza nos trabalhos manuais. Nenhum dos relógios públicos - estação ferroviária, prefeitura, torre da igreja, marcava a hora certa, pelo que então construiu (de madeira!) um aparelho que mede a posição solar para uma correta determinação do tempo. Para conseguir a hora com uma única medição, é necessário conhecer a trigonometria esférica, que ele não dominava. Fui, portanto, enviado ao professor de matemática, para obter a fórmula. Mesmo assim a determinação das horas permanecia demasiadamente imprecisa, lembrou-se então do método das alturas correspondentes do sol, no qual não é necessária a trigonometria. É evidente que aprendi, com isso, muitos conceitos astronômicos. Ao final passamos a ser os únicos em Kronstadt que tinham hora exata, com erro de apenas 6 segundos aproximadamente.

Ainda preciso contar uma coisa boba, que o Zet e eu aparamos e que hoje me parece completamente incompreensível, só podendo ser explicado pela idade. Tínhamos uns 15 anos, nossa idade exata, entretanto, poderia ser determinada com precisão por aquele que se lembrasse da data da coroação fes-

tiva do rei romeno Ferdinand, que ocorreu naquela época em Alba Julia no centro de Siebenbürgen. Ferdinand não era especialmente inteligente e daí veio a alteração do provérbio citado em círculos de língua alemã de "mais sorte do que razão (*Verstand*)" em "mais sorte do que Ferdinand (*Ferdinand*)".

Zet e eu estávamos em excursão, explorando as imediações de Alba Julia, nem um pouco preocupados com o Ferdinand e sua coroação. Entretanto, a polícia de lá tinha por obrigação prender os elementos suspeitos, que pudessem ameaçar a coroação. Como, porém, ela desconhecia a existência de jovens que excursionam por prazer, fomos presos como tais. Nisso encontramos em nossos bolsos várias carteirinhas de estudante, com nomes diversos, que possibilitavam viajar de trem pela metade do preço, e assim aproveitar ao máximo para aumentar o alcance da nossa expedição. Encontraram o que queriam: passes de viagem adulterados! Esta é hoje a parte incompreensível do meu ato - éramos por acaso tão idiotas que não sabíamos da nossa conduta criminosa? Não sei. Para a polícia, porém, também por quase não sabermos romeno, constituíamos excelente presa, sendo imediatamente despachados para Kronstadt, acompanhados de um guarda armado, e obrigados a passar uma noite na prisão. Ainda procurei extrair o lado romântico deste episódio, pois me lembro que retirei uns cacos de tijolo da parede, com os quais risquei os quadros do "jogo da velha" que passamos a jogar movimentando essas pedras.

Após a chegada de trem a Kronstadt, tivemos que atravessar a cidade a pé por uns 20 minutos até o presídio policial. Alguém deve ter nos reconhecido e se comunicado com o pai do Zet, cuja livraria ficava defronte ao presídio policial. Afinal o pai do Zet chegou quase ao mesmo tempo que nós à polícia e, depois de longas negociações, fomos dispensados com uma séria advertência. Devo dizer porém, que a polícia nos tratou bem e não nos bateu, como acontecia, dizem, com muita frequência.

Meu desejo profissional era inequívoco: engenheiro. Sabia, pela Escola Técnica Superior de Viena - os vienenses dizem simplesmente a "Técnica" - que para poder ser admitido na Escola era necessário fazer um curso prático de 6 meses. Decidi aplicar nisto o dobro do tempo exigido e aprender de fato um ofício, sendo então contratado como aprendiz na oficina de carpintaria Gusbeth, de Kronstadt.

Nesta época do aprendizado morreu meu pai. O Samonkel (Tio Samuel), que era seu melhor amigo, aconselhou a minha

mãe: "você não precisa se preocupar com o destino do teu caçula. Logo ele será oficial de carpintaria e mais tarde lhe instalarei uma oficina. A melhor de Kronstadt!" Minha mãe então disse: "Mas ele quer estudar na faculdade". "Que besteira, o que é que ele quer estudar?". "Engenharia". Samonkel respondeu "Justamente engenheiro! Na fábrica sempre me aborreci com os engenheiros. Meus filhos não estudaram na faculdade e fazem o trabalho de engenheiro muito melhor do que os profissionais formados!" (Por falar nisso o Ricki, sendo o filho mais novo, acabara de iniciar, depois de uma luta de convencimento com o pai, o estudo da engenharia). Dito e feito, como também me mostrei inflexível, não obtive nada do Samonkel. Mas pelo menos os dois cunhados me ajudaram - o marido da Miko, Walter Lörch e o da Grete, Heinz Rhein.

O Samonkel só era teimoso, mas nem um pouco avarento. O pai várias vezes participou de viagens mundiais às custas do tio Samuel e certa vez até o pai junto com a mãe. Depois de passar a fábrica de papel para os filhos foi morar em Kronstadt, sendo também aí generoso em doações. Assim, foi ele quem providenciou, na Alemanha, a instalação do aquecimento da "Igreja Negra" (schwarze Kirche) baseando-se nas especificações técnicas de um professor universitário especializado em aquecimento e ventilação. O filho deste professor - Hans - casou-se mais tarde com a melhor amiga da Ilse, Heta. Anos mais tarde, ficamos todos espantados ao descobrirmos a coincidência.